

JACQUES LACAN
UM-EQUÍVOCO
SEMINÁRIO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1977
Passe: se reconhecer entre *s(av)oir*¹

A figura 1 está aí para dar uma idéia de por que, da última vez, pedi a Alain Didier-Weil para falar; está aí também porque eu me preocupo com essas histórias de cadeias borromeanas.

Isto é uma cadeia borromeana (figura 1). Como vocês vêem, este elemento poderia ser dobrado de modo tal que estes dois círculos se fechem com aqueles que vocês vêem embaixo, o que realiza um nó borromeano.

Isso não é tão simples e o fato de ter ocupado tantas vezes Pierre Soury, que é alguém que ousa crer que pensa que tem tudo a ver eu ter me dedicado muito ao nó borromeano, me permitiu lhe colocar mais recentemente a questão de saber como quatro tetraedros podem se ligar borromeaneamente entre si. Ele me deu logo a solução que verifiquei ser válida. É algo que está implicado no que vocês vêem aí, ou seja, não uma relação entre esses termos que são esféricos, mas uma relação que chamarei de tórica.

Suponham que me pareceu que era tão tórico o modo como Pierre Soury me enviou o nó borromeano dos quatro tetraedros, somente ontem à noite. Digo isso simplesmente para explicar que me preocupou saber se em um espaço representável esféricamente, a aplicação do nó borromeano engendra igualmente um espaço tórico. Digo isso também para explicar que, em suma, como eu estava envolvido com essa coisa tão emaranhada, chamei Alain Didier-Weil para me substituir, porque esperei grandes promessas no que ele introduziu sob o nome de Boseff, que ele fez entrar como um intruso em “A carta roubada”, e sobre esse famoso “eu sei que ele sabe”, o rei, porque lhe informei de que isso é o que não é dito.

Em princípio, Alain Didier-Weil, introduzindo o Boseff na história de “A carta roubada”, não sei formalmente o que ele avança. Sou testemunha da questão que lhe coloquei e à qual ele respondeu que, se Boseff pode ser substituído por um personagem do conto de Poe, só poderia ser a rainha, ou, eventualmente, o ministro, quando ele está, como sublinhei, em posição feminizada.

O fato de se introduzir, como vocês sabem, o rapto da carta, por isso chamada roubada, embora o que enuncio restabelecendo o texto de Poe “The Purloined Letter”, ou seja, a carta que não chega, a carta cujo circuito é prolongado, me permite fazer um certo número de considerações que vocês encontrarão em meu texto, no início dos meus Escritos, onde mostro como é impressionante ver que o fato de se estar na dependência desta carta, feminiza um personagem que, pode-se dizer de outra maneira, não tem muita frieza a não ser pelo fato de que este rapto da carta a qual a rainha sabe que ele é possuidor o feminiza, não pela prova que ele tem de esconder ao Outro, ao rei, a carta escandalosa, dado que se diz “O Outro não sabe”, mas porque simplesmente o equivalente do fato de que ele detém a carta é “ele sabe”, donde a extrapolação que Alain Didier-Weil faz, extrapolação que se sustenta na própria detenção desta carta. Que ele a esconda ao Outro não faz com que o rei saiba seja o que for disso.

Alain Didier-Weil prossegue dizendo que a história da rainha do conto é diferente da de Boseff, no fato de que, a rainha experimenta abertamente com o ministro os quatro tempos do saber que ele próprio descreveu, e do qual ele encontra o traço em Poe pelo ascendente que tomou o ministro às custas do conhecimento que tem o raptor, do conhecimento que a vítima tem de seu raptor, e nos quais os quatro tempos são, como ele diz, o ministro sabe que a rainha sabe que o ministro sabe que ela sabe. É verdade que isto se pode situar e que em seguida Alain Didier-Weil, em sua carta, me faz notar que a rainha não vive tanto essa despossessão objetiva pelo ministro quanto a despossessão subjetiva que Boseff alcança no nível que da última vez ele enunciou como $[B_3, R_3]$. É verdade que há aí uma carência no enunciado que Alain Didier-Weil nos fez da última vez, mas me inscrevo, acerca disso, em falso. Boseff, embora seja dotado de um nome, e é bem aí que está a falta na qual surpreendo Alain Didier-Weil, não é algo que mereça ser nomeado. Quero dizer que não é algo, digamos, que se vê, não é nomeável. Boseff é, diria, a incarnação do saber absoluto, e Alain Didier-Weil extrapola efetivamente à margem do conto de Poe, é o encaminhamento a partir dessa hipótese, ou seja, que Boseff é a incarnação, disso que há pouco precisei, do que quer dizer o saber absoluto, o que mostra o encaminhamento de uma verdade que não chega a lugar nenhum. Em nenhum momento, o ministro que guardou esta carta, em suma, com o testemunho da boa vontade da rainha, teve a idéia de comunicá-la ao rei, que é, aliás, o único que se encontraria em posição de tirar conseqüências disso.

A verdade, pode-se dizer, demanda ser dita. Ela não tem voz para demandar ser dita porque, em suma, ela se pode, como se diz, e é bem isso o extraordinário da linguagem, ela se pode, como o francês, que é preciso considerar como um indivíduo, tem colocado essa forma em uso, ela se pode, eu disse, depois dele, o francês concreto de que se trata, ela se pode, eu disse depois que ninguém o disse, mesmo Boseff. E é bem isso, com efeito, o que se passa, ou seja, que esse Boseff mítico, já que ele não está no conto de Poe, não diz absolutamente nada; o saber absoluto, eu diria, não fala a qualquer preço. Se ele quer se calar ele se cala. O que eu chamei, em uma oportunidade, de saber absoluto, é simplesmente que há saber em algum lugar, não importa onde, no real, e graças à existência aparente, ou seja silenciosa, de um modo tal que se trata de dar conta, a existência aparente de uma espécie através da qual eu disse não há relação sexual. É uma existência puramente acidental, mas sobre a qual, a partir do fato de que ela é capaz de enunciar algo sobre a aparência, já que tenho sublinhado a existência aparente – a ortografia que dou à palavra “parecer” (paraître), que escrevo “p-a-r-ê-t-r-e” (pareser) – não há senão o pareser, do qual temos de saber que, o ser, no caso, não é mais que uma parte do falaser (parlêtre), como disse, ou seja, o que é feito unicamente do que fala.

Que quer dizer o saber como tal? É o saber enquanto que está no real. Este real é uma noção que elaborei ao tê-lo colocado no nó borromeano com os do imaginário e do simbólico. O real, tal como ele aparece, diz a verdade, mas ele não fala, e é preciso falar para dizer seja o que for. O simbólico, suportado pelo significante, só diz mentira quando fala, e ele fala muito. De ordinário, ele se exprime pela *Verneinung*, mas o contrário da *Verneinung*, como enunciou alguém que quis tomar a palavra no meu primeiro seminário, dito de outra maneira, o contrário do que se acompanha da negação, o contrário da *Verneinung* não dá a verdade. Existe, quando se fala de contrário, fala-se sempre de algo que existe e que é verdadeiro de um particular entre outro, mas não há universal que responda a isso, nesse caso, e o que se reconhece tipicamente na *Verneinung* é que é preciso dizer uma coisa falsa para conseguir fazer passar uma verdade. Uma coisa falsa não é uma mentira. Não é uma mentira a não ser que seja querida como tal, o que acontece freqüentemente, se ela visa de algum modo que uma mentira passe por uma verdade. Mas, é preciso dizer que, afora a psicanálise, o caso é raro. É na psicanálise que esta promoção da *Verneinung*, ou seja, da mentira querida como tal para fazer passar uma verdade, é exemplar.

Tudo isso não está atado senão pelo intermédio do imaginário que sempre tem razão. Ele sempre tem razão mas é dele que depende o que se chama a consciência. A consciência está bem longe de ser o saber, porque ao que ela se presta é precisamente à falsidade. "Eu sei", jamais quer dizer nada, e pode-se facilmente apostar que o que se sabe é falso, mas é sustentado pela consciência cuja característica é precisamente sustentar, por sua consistência, o falso. Até o ponto em que se pode dizer que é preciso observar duas vezes antes de admitir uma evidência, que é preciso crivá-la como tal, que nada é seguro em matéria de evidência, e foi por isso que enunciei, que seria preciso evitar a evidência, que a evidência (*evidence*) depende do esvaziamento (*évidement*).

É surpreende que eu também possa passar à ordem das confidências, das quais sou sobrecarregado pelas minhas análises cotidianas. Um "eu sei" que é consciência, ou seja, não apenas saber, mas vontade de não mudar, é algo que tenho, vou fazer a confidência, experimentado muito cedo, experimentado pelo fato de que alguém, como todo mundo, que me é próximo, ou seja, aquela que eu chamava há pouco, tinha dois anos mais que ela, dois anos e meio, "minha irmãzinha" – ela se chama Madeleine – e ela me disse um dia, não "eu sei", porque o eu teria sido muito, mas "Manene sabe".

O inconsciente é uma entidade que tentei definir pelo simbólico, mas que não é, em suma, senão uma entidade a mais, uma entidade com a qual se trata de saber lidar (*savoir y faire*). Saber lidar (*savoir y faire*) não é a mesma coisa que um saber, que o saber absoluto, do qual falei há pouco. O inconsciente é o que faz mudar alguma coisa, o que reduz o que chamo o sintoma (*sinthôme*), que escrevo com a ortografia que vocês conhecem. Sempre tratei da consciência, mas de uma forma que fazia parte do inconsciente, porque essa "uma-pessoa", uma-ela (*une-elle*), no caso, uma-ela ("*une-elle*") porque a pessoa em questão se colocou na terceira pessoa, nomeando-se "Manene", de uma forma que fazia parte do inconsciente, eu disse, porque é essa uma "asa" (*une "aile"*) que, como em meu título desse ano, uma asa que se alava à mora (*une aile qui s'ailait à mourre*), que se dava por portadora do saber. Ele ou ela, é a terceira pessoa, é o Outro, tal como o defino, é o inconsciente. Ele sabe, no absoluto e apenas no absoluto, ele sabe que eu sei o que havia na carta, mas que apenas, eu sei. Na realidade, ele não sabe portanto nada, a não ser que eu sei, mas que isso não é razão para que eu lhe diga. Com efeito, esse saber absoluto, fiz mais que alusão a ele em algum lugar, insisti verdadeiramente com meus grossos tamancos (*sabots*), ou seja, todo o apêndice que acrescentei ao meu escrito sobre "A carta roubada", o que vai da página 54 à página 61, parte que intitulei "Parêntesis do parêntesis", é precisamente algo que se substitui a Boseff. Para Alain Didier-Weil não se substitui, ele se identifica a Boseff. Ele se sente no passe, é muito curioso que ele possa, de algum modo, encontrar, se posso dizer, o apelo que me fez responder pelo passe.

O real de que se trata, é inteiramente o nó, porque falamos do simbólico mas é preciso situá-lo no real. Há para esse nó a corda (*corde*) que é também corpo-de (*corps-de*), este corpo-de é parasitado pelo significante, pois o significante se ele faz parte do real, se for bem aí que tenho razão de situar o simbólico, é preciso pensar que esse corpo-de, poderíamos não ter a ver com ele senão no escuro (*noir*).

Como reconheceríamos no escuro (*noir*) o que é um nó borromeano? É disso que se trata no passe. "Eu sei que ele sabe". Que é que isso pode querer dizer, senão querer objetivar o inconsciente, salvo que a objetivação do inconsciente necessita de uma reiteração, a saber que: "Eu sei que ele sabe que eu sei que ele sabe". É apenas nesta condição que a análise mantém seu estatuto. É isso que faz obstáculo a alguma coisa que, por se limitar ao "Eu sei que ele sabe", abre a porta ao ocultismo, à telepatia. É por não ter compreendido muito bem o estatuto de anti-saber, ou seja, de anti-inconsciente, dito de outro modo, esse polo que é o consciente, que Freud se deixava, de vez em quando, lisonjear por isso que se chamou depois de fenômenos psy, isto é, ele se deixava deslizar docemente no delírio, a propósito do fato de que Jones lhe fazia passar seu cartão de visita, justamente depois que um paciente lhe mencionara o nome de Jones.

O passe de que se trata, não o tenho examinado senão de um modo tateante, como alguma coisa que não quer nada dizer a não ser se reconhecer entre [*s(av)oir*] (isso, saber, ter, noite), se posso me exprimir dessa maneira, na condição que inserimos aí um a-v, depois da primeira letra; se reconhecer entre saber. Existem línguas que fazem obstáculo ao reconhecimento do inconsciente? É algo que me foi sugerido como questão pelo fato de que esse "És tu" ("*C'est toi*"), em que Alain Didier-Weil quer que Boseff se comunique com o rei, nesse momento em que ele me imputou injustamente, graças ao fato de que ele destacou o termo comunhão, em algum lugar em meus Escritos.

"És tu" ("*C'est toi*"), será que há línguas nas quais isso poderia ser um "Tu sabes" ("*Toi sait*"), do verbo saber, ou seja, alguma coisa que colocaria o tu ("*toi*"), que o faria deslizar para a terceira pessoa? Tudo isso para dizer que é verdadeiramente divinatório que Alain Didier-Weil possa religar o que chamo o passe com "A carta roubada". Há seguramente alguma coisa que sustenta a jogada, que consiste na introdução de Boseff. Boseff passava lá dentro como verdadeiramente indiquei no próprio texto de "A

carta roubada"; lá, falo todo tempo, em cada página, disto que está a ponto de se produzir e, é mesmo nesse ponto que termino, que uma carta chega sempre a seu destino, a saber, que ela é, em suma, endereçada ao rei, e que é por isso que é preciso que ela lhe chegue; que em todo esse texto, só falo disso, ou seja, da iminência do fato que o rei tenha conhecimento da carta. Será que com isso se quer dizer que ele já a conhece? Não apenas que já a conhece, mas diria que a reconhece. Será que esse reconhecimento não é precisamente o único que pode garantir a manutenção do casal Rainha e Rei? É isso o que queria dizer a vocês hoje.

¹ Texto traduzido e estabelecido por Jairo Gerbase em 03/12/98.